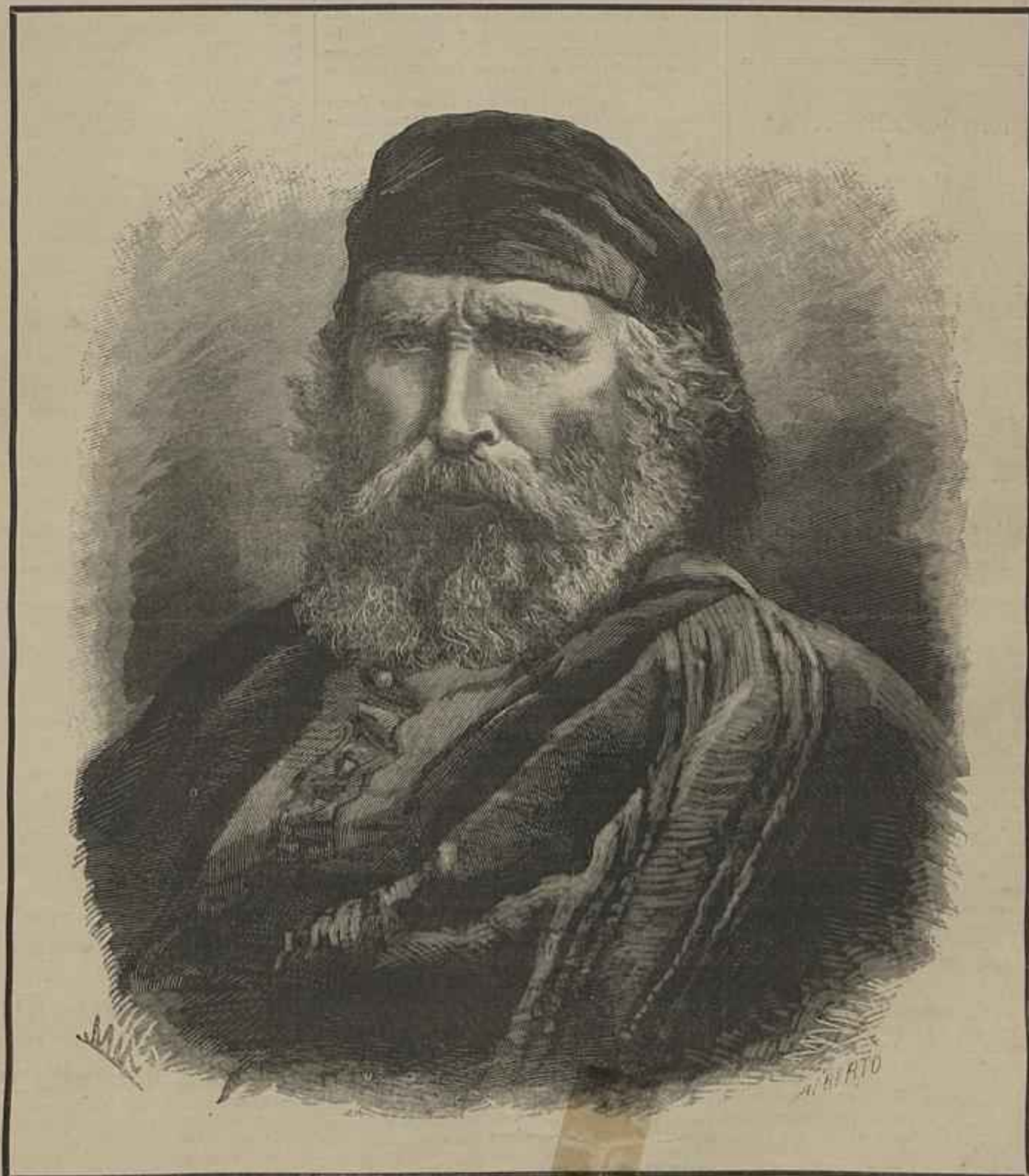


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N. ^o	5. ^o ANNO — VOLUME V — N. ^o 126	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LOUSTO, 43 — LISBOA
	36 n. ^{os}	18 n. ^{os}	9 n. ^{os}	entrega		
Portugal (franco de porto, moeda forte)	38800	18900	5950	120	21 DE JUNHO 1882	Todos os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possesões ultramarinas, (idem).....	48000	23900	7950	120		
Estrangeiro (unilho geral dos correios)	58000	28500	9550	120		
Brazil (moeda fraca).....	158000	78500	26500	120		



G. Garibaldi's

copura 22 aprile 81

SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVASIO LEBATO — José Garibaldi, II. — Exposição de Indústrias Caselras, no Porto, MARCEL M. RODRIGUES — As nossas gravuras — Rua Mouzinho da Silveira, no Porto, MARCEL M. RODRIGUES — Exposição Districtal de Aveiro, MATEIRO RAMALHO — Os novos reis da Servia, duas palavras sobre este país, J. H. — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTON — Publicações.

GRAVURAS — Garibaldi — Festas do Centenario do Marquez de Pombal, em Lisboa, Carro da Ciencia, Carro da cidade de Lisboa, Carro do Commercio e Industria, Carro das Colonias, Carro da Fabrica Industrial Nacional de Bolaohas — Porto. Aspecto das obras na Nova Rua Mouzinho da Silveira — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A grande novidade da semana foi o apparecimento da companhia italiana de opera comica no novo Coliseu dos Recreios: começaremos portanto a nossa chronica pela grande novidade. Não é muito facil isto, confessamos-o desde já, porque se não é nunca muito facil avaliar artistas por uma unica audição, avalial-os por meia é realmente difficilissimo.

E nós no Coliseu dos Recreios, nós e cremos que toda a gente, a não ser algum tísico com o triste, mas então invejavel privilegio dos seus ouvidos, não ouvimos do *Boccacio* de Suppé senão cincoenta por cento, um juro de Harpagão, que até hoje nenhum theatro de Lisboa levava aos seus espectadores.

E n'esses cincoenta por cento foi-se uma das partes essenciaes do espectáculo.

Uma opera burlesca não consta só de musica, e um artista d'este genero não se avalia sómente pelo que canta.

A opera burlesca é feita de dois elementos essenciaes, o libretto e a musica, ás vezes esta domina completamente aquelle, como na *Filha da sr.^a Angot*, no *Droit du seigneur*, outras é aquelle que domina esta como na *Mascotte* no *Peronilla*, outras, e é o que deve ser, valem-se mutuamente, na *Gran-Duquesa*, no *Barba Azul*, na *Giroflé*, na *Perichole*, nos *Bandidos*.

Do mesmo modo os artistas de opera burlesca, para serem completos tem de ser cantores e actores ao mesmo tempo, como é a Anna Pereira, a Esther, como o era Herminia, — dentro dos acanhados limites do nosso mundo de opereta, e como o era a Preziosi e a Depoitiers.

E se se póde ser um bom artista de opera burlesca, sem se ser cantor, ou sendo-o, muito pouco, como o é o Leoni, o Ribeiro, a Thomsia Velloso, o que não se póde ser é artista de opera burlesca embora se tenha excellente voz, não se sendo actor, os exemplos feryilham desde a sr.^a Mansoni e o sr. Godefroy até ao sr. Herogenes Lisboa e o sr. Silva.

Tudo isto prova que não se pode apreciar uma companhia de opera burlesca sem a ouvir representar, e como nós não ouvimos senão cantar a companhia que está no coliseu, só poderemos apreciar-a por metade, como a ouvimos.

Essa metade pareceu-nos muito bem e ainda nos fez mais saudades da outra.

Ouvimos boas vozes, ouvimos cantar bem, e não podemos especialisar a nossa apreciação porque só o poderíamos fazer com um gasto de prosa que as posses muito limitadas da nossa chronica não comportam.

A falta absoluta nos cartazes dos nomes dos personagens da opera de Suppé e dos nomes dos artistas que os desempenham, deixou-nos n'uma completissima ignorancia a esse respeito.

Para designar qualquer d'esses artistas teriamos de recorrer a uma série de indicações minuciosas, que no fim de contas só aproveitariam as pessoas que tivessem viato a opera no coliseu, e que por conseguinte dispensariam completamente a nossa opinião, pela simples razão de terem a sua.

Da primeira recita da companhia do Coliseu, finalmente o que podemos dizer é que a opera de Suppé tem numeros de musica lindissima, que geralmente foi muito bem cantada, que o scenario é soffrivel e os fatos rasoaveis, apesar de não primarem pela elegancia, e que póde muito bem ser que o *Boccacio* tenha muita graça e os artistas sejam excellentes actores, mas d'isso nada podemos dizer porque não ouvimos meia palavra.

As condições do Coliseu como, theatro, são deploraveis e acreditamos que depois d'esta experiencia nenhum empresario se lembrará de o explorar com companhias de declamação.

No ultimo numero o Occidente publicou em gravura o desenho do interior do Coliseu e n'um pequeno artigo que acompanhava essa gravura, notavam-se os defeitos enormes que o Coliseu tem, tanto no palco como na sala, para funcionar como theatro, defeitos de nascença, e portanto impossiveis de remediar.

Todos esses defeitos se tornaram bem evidentes na primeira noite em que o Coliseu funcionou como theatro, no palco as figuras sobrepõem-se quando estão em varios planos, porque o palco não tem declive; na platéa, quem não está nas primeiras filas não ouve uma palavra do que se diz no palco, e se tem a infelicidade de ser baixo, não vê o espectáculo, espreita-o por entre as cabeças dos seus vizinhos da frente.

É claro e evidente que não cábem de fórma alguma as responsabilidades d'estes inconvenientes ao sr. Freitas Brito; ao sr. Freitas Brito cábem simplesmente, gratidão pela variedade d'espectaculos que, apenas empresario do novo circo arranjou para divertir Lisboa durante os longos e compridos mezes de verão, e louvores pela boa companhia de canto que trouxe de Madrid; e se ella se não ouve melhor, a culpa não é d'elle.

— O verão que se approxima promette ser muito divertido na capital. Além do Coliseu dos Recreios, que já cá tem a opera comica italiana e que espera um domador de leões, acrobatas, gymnastas, bailarinas, e mais tarde a companhia dramatica da sr.^a Marini; o Gymnasio annuncia já a proxima estreia d'uma companhia franceza d'opera comica e d'uns artistas celebres e excentricos, que Furtado Coelho traz a Lisboa de passagem para o seu theatro do Rio de Janeiro, e espera para depois a companhia d'opera lyrica italiana que está funcionando no Porto sob a direcção do sr. Molina.

Ao mesmo tempo um nosso collega, o sr. Eduardo Guimarães, redactor do *Correio da Noite*, um rapaz muito intelligente e emprehendedor tomou a empresa do Passeio Publico e promette a Lisboa bellas funcções ao ar livre; e com esta formidavel bagagem de festas podemos alegremente emprehender a nossa viagem atravez da canicula, que já se annuncia com um calor de frigr ovos á sombra.

— E já que começámos pelos theatros, continuamos ainda, sem sabir d'elles, para dar conta aos nossos leitores do concurso aberto pelo ministerio do reino para a adjudicação do theatro de D. Maria pela epocha de 1883 a 1889.

Contra o costume, que tem feito abrir-se esse concurso tanto para o theatro de D. Maria como para o de S. Carlos, á ultima da hora, o ministerio do Reino, poz d'esta vez o theatro de D. Maria a concurso com um anno de antecedencia; talvez seja um pouco cedo de mais, mas a ter de optar, antes cedo que tarde.

As condições do concurso são as mesmas dos annos anteriores com a differença, do theatro ser adjudicado pelo prazo de seis annos em vez de tres da empresa a quem fór adjudicado não ter a obrigação de manter as escripturas dos artistas apresentados ao concurso, durante o prazo da adjudicação, como até aqui, podendo substituil-os quando lhe aprouver, por outros d'igual merecimento, e de não ser condição de preferencia como n'estes ultimos concursos, ser a empresa proponente sociedade d'artistas.

O alargamento do prazo da adjudicação é muito bem entendido; o prazo de tres annos até agora concedido era muito curto para que uma empresa se putesse aventurar a grandes commettimentos; os dois primeiros annos são indispensaveis a toda a empresa nova, para fazer repertorio, organizar scenario e guarda-roupa, de forma que o terceiro anno é o primeiro em que começa a ganhar o fructo dos seus trabalhos, e realmente era illogico que esse primeiro anno de colheita da semente deitada á terra durante os dois annos anteriores fosse o ultimo da sua

gerencia, e que depois viesse uma empresa estranha utilizar-se do seu guarda-roupa, do seu scenario, e do seu repertorio.

Os jornaes tem fallado em varios candidatos á empresa de D. Maria, não sabemos o que ha de verdade n'essas noticias, mas parece-nos difficil que dado o estado do nosso theatro, e a condição, aliás absurda, do elenco de companhia como base da licitação, que haja muitos concorrentes que possam entrar vantajosamente na lucta.

— Ultimamente tem-se ventilado muito na imprensa a questão do direito que tem a actriz Emilia Adelaide a entrar para o theatro de D. Maria, segundo as condições do seu contracto com o governo.

Temos pelo talento da illustre artista muita consideração, mas achamos perfeitamente extemporanea e inutil essa discussão.

Para nós a questão limita-se a isto:

— A empresa de D. Maria é pelo seu contracto obrigada a escripturar a sr.^a Emilia Adelaide?

Se é e se não escriptura, a illustre actriz que recorra ao governo para obrigar a empresa a cumprir o seu contracto, escripturando-a. Se não é, a imprensa não tem então nada com isso como não tem nada com os artistas que as empresas não escripturam, só tem com aquelles que ella escriptura e apresenta, é sobre esses apenas que a critica tem a exercer os seus direitos.

A não ser assim, e se a imprensa tem o direito de impôr artistas ás empresas, ou se a empresa de D. Maria é obrigada pelo governo a escripturar todos os grandes artistas, nós temos então um nome para impôr, o nome da maior de todas as actrizes portuguezas, o nome da actriz excepcional: — Lucinda Simões.

— Ao passo que nos Recreios Whitoyne se estreava a companhia italiana, ali muito perto, quasi ao lado terminava-se um espectáculo não menos interessante e novo — o congresso catholico.

A moda dos congressos, essa febre moderna, parece que é contagiosa e pega-se até á velha reacção. Sobre este ponto de vista, esse congresso teve uma feição original, extravagante, funambulesca, e fez-nos a impressão d'uma enrugada matrona octogenaria apparecendo na rua de *robe collante*, chapéu á *miniche*, seios escancarados *en cœur*, luvas á mosqueteiro, e olhos feitos a nankin, *mouches* na face, e veloutine na epiderme.

Apesar d'este effeito pittoresco nós damos muita razão aos catholicos e somos bastante liberaes, para lhe applaudirmos completamente os seus esforços de resistencia á onda que sóbe.

Reunem-se os livres pensadores em toda a parte do mundo, é justo que os catholicos se reünam tambem.

Neste tempo de ampla liberdade de pensamento, todos tem o direito, e mais ainda o dever, de procurar a verdade onde julgam que ella se encontra.

O catholicismo atravessa um momento grave, serio e perigoso, e seria cobarde e vil tolher-lhe os seus meios de defeza.

Os catholicos de Lisboa reuniram-se em congresso a procurar esses meios, perfeitamente; tinham tanto esse direito, como os livres pensadores tiveram o de fazer do centenario de Pombal uma manifestação contra o clericalismo.

Por toda a parte, no livro, no theatro, na imprensa, na tribuna, em todas as manifestações do espirito humano a sociedade moderna aggride violentamente, sem treguas, a reacção, a rescção procura defender-se, está plenamente no seu direito; e opponha livro a livro, peça a peça, facto a facto, argumento a argumento.

Esperemos pelos actos que devem emanar do congresso catholico. Conhecidos por enquanto ha só um, o pedido da benção apostolica ao papa Leão XIII, e essa benção enviada de Roma por sua santidade.

Essa benção que como brinde especial aos congressistas tem de certo muito valor para elles, como argumento contra as doutrinas do seculo parece-nos fraco.

O seculo XIX fica esperando o resto.

— O congresso das Associações reuniu-se por fim e trabalha activamente, em numerosas commissões em que figuram homens dos mais notaveis nas diferentes especialidades, no estudo das complexas questões que prendem com essa grande idéa que tão laboriosamente tem feito caminho em Portugal, a idéa da Associação.

Fazemos votos sinceros para que esse con-

gresso tire resultado dos seus trabalhos, e para que todos os congressistas pondo de parte as suas paixões individuais, se esqueçam de si para só se lembrarem da Associação, e que finalmente escrevam na sua historia tão desgraçada em Portugal, uma pagina brilhante, que resgate todas as outras.

— A politica portugueza continua a fazer *meetings* contra o syndicato de Salamanca, a discussão nas camaras promette prolongar-se indefinidamente, sem resultado algum, porque n'esta questão como em todas, graças ao nosso *sympathic systema* parlamentar, a discussão não altera inteiramente nada o resultado das questões.

Já lá vai o tempo em que a discussão servia para illucidar as questões: as questões hoje não precisam de ser illucidadas, precisam simplesmente de ser votadas.

As maiorias ou as votam se os governos querem que sim, ou não se os governos querem que as rejeite.

O que se diz a respeito d'ellas é-lhes inteiramente indifferente: tudo isso é tempo sacrificado á formosa ficção parlamentar. As questões não se illucidam no parlamento, vão já illucidadas dos gabinetes dos ministros: as maiorias deixam fallar a opposição o tempo sufficiente para a rhetorica constitucional dar o seu passeioinho de recreio pela camara, e depois votam-n'as á carga serrada, ou antes a cerebro cerrado, conforme lhes fóra ordenado pelos governos. E isto hontem, e isto hoje, e isto amanhã, e isto Deus sabe até quando...

D'esta vez com o syndicato de Salamanca, a maioria para não ser cruel de mais, deixa dar á rhetorica um passeio maiorzinho e tudo faz crer que os representantes da nação passarão este anno a estação calmosa nas praias de S. Bento e tomarão os seus banhos n'essa barcassa da constituição.

— Preparam-se no Porto grandes festas para o dia 9 de julho.

No proximo numero daremos conta d'essas festas brilhantes com que o Porto solemnisa os quinquagesimo anniversario do glorioso dia, as *nozes d'or* da nossa liberdade.

Gervasio Lobato.

JOSÉ GARIBALDI

Nenhum heroe d'este seculo se prestava mais que Garibaldi a um longo artigo brilhante, resplandecente de entusiasmo, e cheio do encanto phantastico das grandes lendas heroicas.

A vida de Garibaldi, o aventureiro sublime, constellada toda ella de façanhas sobre-humanas, e de accidentes extravagantes, dá á sua historia o tom maravilhoso da fabula, ao lado da nota realista da vida humana. Entretanto a abundancia enorme, excepcional, de feitos extraordinarios e aventuras assombrosas, que constituem a longa e radiante existencia do grande heroe da unidade italiana, obriga-nos a dar ao nosso pequeno artigo o simples caracter d'uma rapida noticia biographica. Se fossemos a seguir passo a passo sua vida gloriosa, se fossemos a enumerar uma a uma as façanhas maravilhosas d'esse heroe legendario, teriamos de escrever volumes, teriamos que esboçar as paginas mais extraordinarias da epopéa do nosso tempo.

Não podemos ter essa pretensão e limitamos modestamente á nota biographica do heroe que a Italia ha dias perdeu: o entusiasmo pela sua memoria não precisamos nós levantar-o com a phrase, accendeu-o elle com a sua vida, a epopéa não precisamos esboçar-a com a nossa humilde penna, deixou-a elle escripta na Italia com a sua espada triumphante e generosa.

José Garibaldi nasceu em Nice a 22 de julho de 1807, exactamente no mesmo quarto onde nasceu o general Massena, tão nosso conhecido

Como se sabe Massena era filho d'um padeiro, a casa onde nasceu era uma padaria e foi ahi mesmo que nasceu o grande caudilho da Italia una.

A mãe de Garibaldi chamava-se Rosa Raymond e seu pae Dominique Garibaldi. Era ma-

rinheiro, mas marinheiro rico, e deu a seu filho uma educação muito regular.

Filho de marinheiro e visinho do mar, José Garibaldi desde pequeno amigo intimo das ondas, era um dos primeiros nadadores do mundo.

Como e quando aprendeu a nadar nem elle próprio o sabia, e nas suas memorias, que no fim de contas, foram apenas dictadas por elle e escriptas pelo grande Dumas que tinha a idolatria de Garibaldi, o heroe de Caprera confessa essa ignorancia:—Quando e como aprendi a nadar? Não me lembro: parece-me que sempre o soube e que nasci amphibio.

Na impossibilidade absoluta de acompanharmos Garibaldi na sua infancia, na sua adolescencia, na sua viagem á America do Sul, deixemol-o ahi começar a sua epopéa nos combates importantes em que se manifestou a sua bravura heroica e vamos encontral-o na sua volta á Italia, em 1848. Carlos Alberto andava então em guerra contra a Austria e foi n'essa luta que Garibaldi começou o seu grande nome na Europa. Tomando parte activissima n'essa guerra, e distinguindo-se logo pela sua coragem temeraria, Garibaldi estava em Milão quando foi a desgraçada capitulação d'esta cidade, e elle foi o ultimo a depôr as armas.

No anno seguinte a republica estabelecida em Roma estava seriamente ameaçada. Garibaldi levou ahi logo o auxilio da sua espada; mas Roma rende-se tambem e Garibaldi sahindo da praça rendida com algumas tropas que teve que licenciar d'ali a pouco, chegou aavez de grandes perigos, até ao Adriatico, acompanhado pela sua corajosa mulher Anita,—que sempre o acompanhou e que morreu durante essa fuga,— e embarcando em Genova voltou para a America.

Em 1859 Garibaldi reapareceu na guerra da França e da Italia contra a Austria, á testa d'uma legião de bravos, que elle organisara, com o posto de major general que lhe dera Victor Manuel, e á frente dos seus heroes Garibaldi foi o primeiro a entrar na Lombardia.

Depois da paz de Villa Rancia, que pôz ponto n'essa campanha tão infeliz para a Austria Garibaldi entrou então no apogeu da sua gloria fazendo a celebre façanha dos mil conquistando a Sicilia, obrigando o rei Fernando a fugir de Nápoles, e entrando triumphante na cidade, que estava ainda cheia de partidarios do rei vencido, atravessando as ruas n'uma carruagem descoberta, com temeridade sem igual e dominando com um rasgo excepcional d'um verdadeiro conquistador, as tropas que lhe eram hostis.

A cidade estava toda n'um grande estado d'excitação e de indecisão: n'um quartel as tropas do rei Fernando vacillavam em atacar ou não o atrevido vencedor: Garibaldi passou na carruagem por defronte do quartel e vendo as tropas em armas, de tambores á frente, levantou-se na sua carruagem e fez-lhe, serenamente, a continencia.

Essa continencia, a serenidade, o ar militar com que foi feita, venceu todas as resistencias. Os soldados reconheceram logo em Garibaldi o seu superior, e rufando tambores, apresentaram-lhe as armas.

Estavam conquistadas as duas Sicilias e dado o grande passo para a unidade italiana. Garibaldi com uma abnegação estranha, fez presente d'esse reino por elle conquistado a Victor Manuel, que lhe deu o titulo de general, e deixando a politica, retirou-se para a sua querida Caprera.

Esse abandono porem foi de pouca duração e em 1867 Garibaldi prepara a tentativa contra os estados rumanos, tentativa que terminou desgraçadamente com a derrota de Mentao depois da victoria de Monte Rotondo.

Quando em 1870 a Prussia esmagava a França, Garibaldi correu em auxilio da mais fraca, da vencida, e tomou parte heroica na defesa de Paris, como commandante dos francos atradores, defendendo com grande successo a cidade de Dijon, evacuando-a só depois de feito o armistício, e sendo, como o disse um deputado no parlamento francez, o unico general que n'essa desgraçada guerra não foi vencido.

Quatro departamentos da França escolheram-no então ao mesmo tempo para ser seu representante na Assembléa Nacional de Bordeaux, mas Garibaldi resignou esses quatro honrosos mandatos e voltou para Caprera.

Ha sete annos Roma elegeu-o deputado e Garibaldi fez na camara uma entrada triumphante.

Mas o grande homem já não era o mesmo, a doença metterra-se n'aquelle robustissimo corpo, e de ha muito tempo que se podia dizer que Garibaldi morrera.

Ainda assim, ha mezes, o heroe dos mil saiu de Caprera e foi a Palermo presidir ás festas do anniversario das vespéras sicilianas.

Esboçamos a larguissimos traços e sómente pelos grandes factos a vida gloriosa d'esse homem, que uma pneumonia dupla matou quasi repentinamente em Caprera, em nove ou dez horas apenas, e a quem Roma acaba de fazer a apothéose e a Italia toda umas exequias de rei, notando-se simplesmente, que no entusiasmo de querer respeitar a sua memoria a Italia se esquecesse de respeitar a sua vontade expressa, vontade que ha mais de quatro annos elle manifestava, a de que o seu cadaver fosse incenerado, e vamos buscar a um livro de Maxime du Camp o retrato do heroe de Palermo tirado do natural e quando elle estava em toda a plenitude do seu vigor e da sua gloria.

«Garibaldi é de estatura media, hombros largos, e pernas solidas.

«A mão é forte, aspera, como se tivesse suportado d'antes rudes trabalhos; o pescoço é musculoso e a nuca carnuda, escondida por compridos cabellos louros a que se misturam alguns fios de prata. A testa naturalmente alta, e que parece mais alta ainda porque é desguarnecida de cabelo, dá a todo o seu rosto uma serenidade colossal e cheia d'encanto. As sobrancelhas muito abundantes abrigam uns olhos azues d'uma inconcebível doçura. O nariz largo, direito, aberto em narinas moveis e poderosas, abaixa-se sobre um grosso bigode que cobre metade da bocca benevolenta, um pouco espessa e ligeiramente sensual; a barba alvourada junta-se aos bigodes e cobre uma parte das faces e o queixo. O typo geral do rosto é o do leão tranquillo, sciente da sua força, que não entrega senão na ultima extremidade. Nos seus instantes d'abandono, e são frequentes n'aquelle forte natureza, tem inconcebíveis doçuras, e como que *coquetteries* d'amabilidade; na colera tem impetos terriveis e sabe fazer tremer no fundo do peito os corações mais valentes.

«Na vida de todos os dias é d'uma extrema doçura, d'uma bondade ingenua que nunca se desmente.

«O seu aspecto exterior não tem nada de seductor no sentido usual que as mulheres dão a esta palavra: mas quando elle se aproxima, sente-se que passa uma força e todos se curvam. Quando falla subjugado, porque a sua voz a mais bella que tenho ouvido, contém nas suas notas, ao mesmo tempo profundas e vibrantes, uma pujança dominadora a que é difficil fugir-se. Poder-se-ia dizer d'essa voz o que em Shakspeare Cleopatra diz da voz de Antonio:

«A sua voz era harmoniosa como as esferas, quando fallava a amigos: mas quando queria dominar e abalar o universo, era o grito do trovão.»

℞

EXPOSIÇÃO DE INDUSTRIAS CASEIRAS

NO PORTO

(Continua)

A secção de desenho acha-se nas mesmas circumstancias da de pintura. Copias e mais copias, a maior parte, de detestaveis estampas. Muitos desenhos de senhoras accusam uma deploravel insciencia que não honra nada os professores que os dirigem. De vez em quando entreluz algum trabalho mais rasoavel e de melhor execução, mas esses são tão poucos que se confundem n'aquelle amontuado de ninharias.

Tambem se exhibem diversas provas de alumnos de collegios, e de todas ellas as que me pareceram melhores foram as do collegio do sr. Pedro Rocha.

A gravura em madeira apenas alli está representada por um fundo para impressão typographica e por um quadro com algumas provas de um curioso já fallecido!

A parte mais abundante da exposição é a dos bordados, rendas e tapeçarias, sendo n'ella que as prendas femininas mais se expandem em variados productos de delicado labor. Ha alli bordados ricos, de todas as especies, muitos d'elles de um trabalho primoroso e de um bom gosto incontestavel. Tapeçarias bonitas, crochets minuciosos e perfeitos, enfim uma immensidade d'essas maravilhas da agulha a que as mulheres dedicam o melhor das suas atenções e da sua paciencia.

Entre os trabalhos exhibidos ha muitos de alumnas de collegios e recolhimentos, tendo n'esta parte comprehendido perfectamente o intuito da exposição o collegio da Regeneração de Braga, o das Ursulinas, o Asylo da Infancia Des-

valida, e algum outro estabelecimento de beneficencia, que a par das amostras dos seus productos, indicam os preços porque os podem vender, o que denota que taes confeções constituem para esses institutos uma verdadeira industria domestica.

Do mesmo modo procedeu a sr.^a D. Carlota Joaquina Freitas Costa; de Villa do Conde, que expoe uma boa colleção de rendas, com os respectivos preços.

Comquanto esta ultima industria não se veja representada em tudo quanto o paiz produz, ainda assim é digna de exame a boa colleção de amostras de rendas nacionaes, do sr. Joaquim de Vasconcellos, e os specimens das formas e apreciadas rendas de Peniche, cuja estima se manifestou bem, pela venda immediata que tiveram todas as que se expozeram.

A produçáo das rendas, em Portugal, explorada larga e intelligentemente, podia constituir a riqueza de muitas povoações nossas.

Possuimos uma curiosa e abundante colleção de padrões antigos, que lá fóra chagam até a ser imitados mechanicamente; a execuçáo por parte dos nossos rendeiros é irreprehensivel e o que nos falta apenas é iniciativa e verdadeiro conhecimento de muita coisa que ignoramos.

A arte de cortar e talhar está representada por uma colleção de estampas que creio pertence ao sr. Joaquim de Vasconcellos.

De encadernação nada vi e de cartonagem apparecem algumas caixas, bocetas, etc. menos mal trabalhadas.

O mobiliario domestico, que podia compor uma parte importante e curiosa da exposiçáo, faz-se notar... pela sua ausencia.

No mesmo caso se acham «os instrumentos de trabalho, no campo e em casa». Devia ser interessantissima esta secção, se a sociedade tivesse podido reunir os objectos que se fabricam nas nossas aldeias, desde a curiosa canga dos bois até aos mais pequenos utensilios agricolas, nos quaes a tradiçáo se tem conservado pura e o trabalho patenteia os mais rudimentares e pri-



CARRO DA SCIENCIA

(Desenhado pelo pintor decorador J. M. Pereira Junior)



CARRO DA CIDADE DE LISBOA

(Desenhado pelo architecto José Luiz Monteiro)

mitivos processos. Bastaria, por exemplo, colleccionar os objectos que se empregam na labutaçáo campeza do Minho e Douro, quando não se quizesse recorrer a outras provincias portuquezas, para tornar essa parte do certamen, um valioso elemento de estudo e de observação.

Em ceramica nada se apresenta e isso explica-se por esta secção ter ficado reservada para uma exposiçáo especial que ha de effectuar-se em outubro.

A secção de trages e costumes das provincias portuguezas está unicamente representada por um vestuario de mulher, de Vianna, por um outro de homem, da ilha da Madeira, por uma capucha de horel das serras de Lamego, e por um chapéo de Ovar!

Só isto, quando temos uma tão grande e pittoresca variedade de costumes por esse Portugal fóra!

E eis esmutado o programma, cuja confeção diga-se de passagem, dá ao a reparos e a considerações que não faço, porque alongariam de mais esta rapida revista.

Na exposiçáo ha ainda um diminuto numero de instrumentos pastoris, objectos diversos, e algumas bujarias com que não vale a pena gastar tempo e papel.

E tenho dno o sufficiente para se avaliar o interesse e a importancia da actual exposiçáo de industrias caseiras.

Terminando faço os mais ardentes e sinceros votos porque, a outra, do mesmo genero, novamente planejada, obtenha um exito mais feliz e satisfatorio pelo menos para aquelles que estimam encontrar n'esses certames em vez de blandicias para os olhos, substancial nutriçáo para o entendimento.

Porto a de junho.

Manoel M. Rodrigues.



CARRO DA INDUSTRIA

(Desenhado pelo pintor decorador J. M. Pereira Junior)



CARRO DAS COLONIAS

(Desenhado por Odombano Beraldo Pinheiro para o centenario de Camões e aproveitado com modificações para o centenario do Marquez de Pombal)

(Segundo photographias de Camacho)



CARRO DA FABRICA INDUSTRIA NACIONAL DE BOLACHAS

(Desenhado sob a direcção de Eduardo Costa)

AS NOSSAS GRAVURAS

CARROS DA PROCISSÃO CIVICA DE LISBOA NO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

Carro da Sciencia

Este carro foi delineado pelo sr. José Maria Pereira Junior, distincto pintor decorador, que já no centenario de Camões delineou o carro do commercio e industria. O aspecto do carro da Sciencia era dos mais elegantes e foi feito com verdadeiro conhecimento de causa, tanto na sua ornamentação, no estylo grego, como nos attributos muito bem combinados. Era puchado a tres parellhas de cavallos brancos ajacizados com arreios encarnados, e conduzidos á mão por seis homens vestidos á grega.

Carro da cidade de Lisboa

O architecto o sr. José Luiz Monteiro é o autor d'este carro que apresentava um aspecto magestoso. Como se vê da gravura o carro é formado pelos edificios da Praça do Commercio, segundo o plano do Marquez de Pombal, executado pelo sr. Gouveia e encimado pela esttua de Lisboa, feita de pasta e dourada, devida ao esculptor Alberto Nunes.

Carro do Commercio e Industria

Foi dos que se fizeram á ultima hora, mas nem por isso ficou menos bello, devido á grande actividade do artista que o delineou o sr. J. M. Pereira Junior. Para este carro aproveitaram-se tres estatuas que tinham servido no carro do commercio e industria que figurou na procissão do centenario de Camões. Essas estatuas são as da industria e commercio do esculptor Simões d'Almeida, e a do trabalho do esculptor Soares dos Reis.

O sr. Pereira Junior compoz o resto do carro com productos da industria nacional, que conseguiu reunir, não sem grandes difficuldades.

Carro das Colonias

E' o mesmo que figurou na procissão do centenario de Camões e que foi deliniado por Columbano Bordallo Pinheiro. Fez-lhe algumas pequenas alterações o sr. Pereira Junior que foi encarregado de o reorganisar.

Carro da Fabrica Industria Nacional de Bolachas

Este carro de caracter especial, e feito a espenças do sr. Eduardo Costa, proprietario da fabrica Industria Nacional de Bolachas, estabelecida á Pampulha, e industrial muito conhecido, era de um bello aspecto.

A base é de forma hexagonal formando ao todo uma pyramide composta por caixas e pacotes encapados por lindos rotulos, de variadas qualidades de bolachas que a fabrica industria nacional produz; o remate da pyramide é um feiche de trigo com papoulas e malmequeres.

Na frente do carro vê-se uma figura allegorica coroando a industria.

Por esta simples descripção e pela gravura se faz uma perfeita ideia do elegante aspecto que este carro tinha no cortejo em que tomou parte, e muito louvor cabe ao seu proprietario, por ter d'este modo abrilhantado a festa celebrada em honra do grande estadista e ao mesmo tempo do iniciador da industria portugueza.

Alem dos carros que damos em gravura tomaram parte no cortejo o carro da imprensa que era o mesmo que figurou na procissão do centenario de Camões.

O carro da Agricultura que está nas mesmas condições e que apenas foi alterado em pequenas partes.

Os estudantes da Escola do Exercito tambem apresentaram um carro allegorico, composto de armaduras, armas, tambores, balas e muitos outros attributos militares, agrupados com muita arte e gosto.

Mais um carro da classe dos bombeiros, muito bem desposto, e alguns carros com flores.

A falta de espaço não nos permite dar as gravuras de todos os carros.

RUA MOUZINHO DA SILVEIRA NO PORTO

No numero abundante de melhoramentos realisados pela iniciativa das vereações presididas pelo finado e prestante cidadão Francisco Pinto Bessa, conta-se como um dos mais importantes a abertura da rua Mouzinho da Silveira, situada

entre a embocadura da rua de S. João e o largo da Feira de S. Bento.

A abertura d'essa rua foi determinada pela necessidade de se facultar ao transitio uma nova via de comunicação com o centro commercial do Porto, visto a rua das Flores, pela exiguidade das suas proporções não poder comportar sem difficuldade, a circulação que já se tornava embaraçosa por ella.

A primeira planta da rua Mouzinho da Silveira foi approvada em 1873, começando os trabalhos de abertura em maio de 1874. Mais tarde, resolvendo-se dar-lhe mais largura, apesar da amplitude que já positivamente lhe fora fixada, submetteu-se ao ministerio das obras publicas uma nova planta, que ficou approvada em 1875.

A natureza do terreno e as grandes expropriações a fazer tornavam impossivel á camara o realisar esse melhoramento pelos meios ordinarios, e por isso contrahiu tres emprestimos para elle, na totalidade de 290:000\$000.

As difficuldades oppostas á expropriação de diversos predios e os trabalhos de vulto a que foi necessario proceder, embaraçaram por vezes a rapidez da construcção. Entre esses trabalhos deve considerar-se como o mais importante o aqueducto, que atravessa toda a extensão da rua e pelo qual correm as aguas do antigo rio da Villa. Esse aqueducto, todo de granito, tem 2,50 de largura e 3,25 de altura.

Com a nova rua Mouzinho da Silveira desapareceu o becco, que pomposamente se denominava rua da Biquinha, e que não era mais do que um estreito paçadisso ao lado do qual corria, a descoberto, o velho Rio da Villa.

A meio d'esse becco havia uma pequena ponte de pedra, por entre o arco da qual se distinguam a distancia, as ruinas de uma azenha.

Entre as expropriações que se fizeram contam-se: a capella de S. Christim e as casas que constituam o antiquissimo albergue, em que se recolhiam, em epochas remotas, os peregrinos que passavam por esta cidade; a elegante capella de S. Roque, situada no largo do Souto, no topo de dous lanços de escada semi-circular enquadada, dos dois lados, por edificios symetricos; a fonte introduzida no centro da escadaria e a que dava realce a esttua de um genio cavalgando um dragão que jorrava a agua pelas fauces escancaradas; e a Ponte Nova que atravessa a rua da Biquinha e que estabelecia a comunicação entre a rua das Flores e a da Banharia.

O titulo de Mouzinho da Silveira foi adoptado pela camara, por proposta do vereador d'aquella epocha o sr. Antonio José do Nascimento Leão que d'este modo quiz perpetuar a memoria do illustre reformador.

A planta foi delineada pelo architecto o sr. Gustavo Adolpho Gonçalves e Souza.

Por deliberação ultimamente tomada pela vereação portuense, a rua das Congostas, como continuação d'aquella, ficou tambem denominando-se de Mouzinho da Silveira. Os emprestimos contrahidos para o seu alargamento elevam-se a 132:100\$000.

A rua Mouzinho, ainda por concluir, possui já edificações valiosas, projectando-se agora, segundo o novo plano de melhoramentos delineado pelo sr. dr. Correia de Barros ligal-a com a de Sá da Bandeira, para o que será necessario expropriar parte das cozinhas do convento das Irmãs de S. Bento e diversos predios das ruas de Santo Antonio e Bomjardim.

Porto 14.

Manoel M. Rodrigues.

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL D'AVEIRO

II

Ha na exposição aveirense dois poeirentos quadros antigos, estylo gothico, um dos quaes, intitulado o *Pentecoste*, tem um certo merecimento artistico, além do seu valor archeologico; se não é original de algum apreciavel pintor portuguez, é pelo menos uma imitação habil; e se não é perfeitamente irreprehensivel na sua execução laboriosa e complicada, tendo por exemplo uma perspectiva como que em zigzagues excentricos, brilha ainda assim por qualidades de cor muito notaveis. O outro é insignificante, mesmo na parte em que ficou livre das barbaridades selvagens d'um repintador trólha, que na parte maior do quadro se entregou genialmente a excessos de brocha terriveis, de caiaior miguelangelesco; e o que me espanta é que criticos omniscientes, não satisfeitos de achar perspicazmente no primeiro a *griffe* d'um Grão Vasco inexaurivel, que ahí ha sempre prompto e es-

covado para uso dos noticiarios entusiastas, fossem ainda descobrir no segundo, deploravel embrulhada sem desenho e sem cor, mais uma obra prima do defuncto Vasco supradito!

Tornam-se comicos, por fim, este immenso grão Vasco e estes enormes criticos. Desde ha muito que deixou de existir o pintor lendario e mysterioso, que seria o tronco pujante d'uma arvore frondosa vergando toda ao pezo de frutos preciosissimos; é sabido que hoje a obra attribuida ao genuino Grão Vasco, está distribuida, com hesitações e escrupulos, a meia duzia de respeitaveis sujeitos que nem sequer se chamam Vascos; não é menos sabido que a antiga escola de pintura portugueza, ao longo de todo o seu periodo de florescencia luxuriante, no seculo xvi, conservou mais ou menos accentuadamente uma feição gothica; mas sempre que apparece n'alguma parte um quadro de tal stylo, é fatalmente certo que logo todos, gravemente e pasmadamente, o mettem na conta dos peccados do defuncto Vasco, inexaurivel e grão!

Tomando mesmo em globo todos os quadros que se tem reconhecido provirem de pinces diversos, e dando-lhes, por commodidade, a designação geral e passageira d'uma chimerica Escola de Grão Vasco, que indicios tão claros e evidentes viram os meus bons criticos nos dois quadros d'Aveiro, que os decidissem a determinar-lhes immediatamente a procedencia gloriosa? Ha n'elles o celebrado colorido vivo, cantante, symphonico, que caracteriza muito especialmente aquella escola ideal? Ha n'elles um sentimento do real saltando em curiosos anachronismos por entre a dominante preocupação gothica? Ha n'elles a observação vaga ou exacta da vida humana e da natureza, traduzindo-se rigorosamente nos mil effeitos brilhantes da cor e na correcção forte do desenho, e que nos quadros da escola imaginaria denuncia seguramente uma influencia profunda e poderosa da arte flamenga? Nada d'isso, se me permitem! Pouco mais ou menos o contrario de tudo isso, se me concedem!

Portanto, e resumindo terminantemente, — os taes dois quadros não são de Vasco algum, nem grande nem pequeno.

Um outro quadro que se acha n'esta exposição é attribuido ao Vieira Lusitano. Parece effectivamente originario d'esse periodo em que a arte nacional sorriu, n'um renascimento doentio, melindroso; ao quadro o que falta é saúde, justamente. A cor é pobre, e na composição torna-se saliente um formoso camello que do fundo estende a sua cabeça melancolica e grave para uns patriarchas, que ajoelhados no primeiro plano pousam humildemente as barbas longas sobre os pés da Virgem mãe.

Ha tambem um pequenino quadro d'Annunção, figura de mulher envolta n'uma larga capa escura, e mais alguns, poucos, que merecem o favor caridoso de os deixarmos em paz.

Entro agora n'uma sala pequena e escassamente allumiada, a qual apresenta um aspecto vivamente pittoresco com as grandes manchas pendentes e dansantes no ar, dos estandartes municipaes dos concelhos pertencentes ao districto d'Aveiro, postos d'um lado e d'outro n'uma inclinação prudente. São de damasco e seda carmesim, com as armas respectivas bordadas ao centro a ouro e prata; e o de Oliveira do Bairro, offerece-nos ingenuamente um singular enigma illustrado: — uma bonita oliveira bordada a prata, tendo por baixo a inscripção complementante *De Bairois*.

Pela primeira vez apparece uma *vitrine* cheia de fulgurantes paramentos religiosos, capas d'asperges e cazulas brancas e vermelhas bordadas miudamente a ouro, e d'entre as quaes destaca vivamente uma bella cazula bordada a matiz e ouro, n'uma confusão de silvas e ramos intrincados d'um effeito embriagante. Ao pé, ha uma estante em que se vê uma grande profusão attrahente de manuscritos, pergaminhos, forraes e codices abertos, em geral antigos e muitos relativamente modernos; e toda essa collecção sorumbatica de livros pequenos e grandes e papelada em desordem, espalha d'alto a baixo a negrura especial e continuada das garatujas tremulas ou phantasistas, e dos caracteres gothicos, compactos, por meio dos quaes salta alegremente as letras encarnadas e raras illuminuras de cores intensas, com desenhos e ornatos complicados em composições galantes e florescencias risonhamente luxuosas, garridas.

N'esta sala tambem ha dois armarios com mais collecções variadas e opulentas de porcelanas da China e Japão; e n'um d'elles vêem-se algumas peças de louça indiana, modestamente veladas de tintas azues, vagas e esbatidas, sobre que cor-

rem finamente uns ornamentos dourados, muito singelos.

A alta ginetá está aqui representada vistosamente por xaires e sellas de velludo carmezim com bordaduras de prata, ou arreios varios de simples couro, grandes estribos salpicados de pregarias sujas, freios valentes, e esporas collossaes, que só á ferrugem agora vão permitindo, passivamente, fazer proezas corrosivas. E ao alto das paredes caídas, ha algumas panoplias magnificas, habilmente dispostas na sua variedade interessante d'armas antigas, bestas e alabardas, velhas lanças e espadas diferentes, adagas, escopetas e arcabuzes, tudo coroado por elmos arrogantes, e partindo em hastes rectas e toscas de centros formados pelos escudos ovados, asperos e negros.

Monteiro Ramalho.

OS NOVOS REIS DA SERVIA

DUAS PALAVRAS SOBRE ESTE PAIZ

(Continuado do n.º 125)

Em 1806 torna a rebentar a insurreição. Kara Jorge com um punhado de valentes, apoiado nas suas florestas, repele os ataques dos pachás Ibrahim e Bekir, cada um dos quaes commandava um exercito de perto de quarenta mil homens. Tendo desfeito Had, Bey, junto a Petzka, marcha contra o exercito principal que derrota em Schabaz a 8 de agosto. Kara Jorge apenas tinha 7:000 infantes e 2:000 cavalleiros marcha sobre Ibrahim que cercava Smederewo. Ibrahim entra em conferencias com elle seguindo-se a pacificação momentanea do paiz. Como porém o convenio não fora ratificado pelo muphti, Kara Jorge marcha rapidamente sobre Belgrado capital da Servia de que se apodera.

D'aqui resultou á Servia uma constituição toda municipal. Os chefes militares (Weyvodes) cercados de alguns mancebos, cavalleiros, das principaes familias dirigiam os seus districtos. Um senado composto de doze membros para cada um dos doze districtos, presidia aos interesses geraes, mostrando-se digno das suas funções. Regulou os impostos, consagrando o dizimo para o soldo das tropas, occupou-se da instrucção popular, substituindo ao ensino rutineiro dos claustros, escolas populares em cada villa, capital de districto.

Outro corpo politico composto dos proprios weyvodes e hospodares, e que se reunia todos os annos pelo natal em Belgrado, tratava os assumptos da mais alta importancia, e a soberania se dividia entre este corpo e Kara-Jorge, chefe supremo.

Em 1809 depois de uma campanha pouco feliz na Bosnia, Kara-Jorge, á frente de 3:000 servios retomou o seu prestigio derrotando Curchid-pachá, que commandava 30:000 homens, na planicie de Warwarin. Marchando logo rapidamente sobre Lonitza, cercada por 40:000 otomanos, providos de artilheria formidavel, fez levantar o cerco, obrigando o exercito turco a repassar o Drina. Emfim depois de muitas me-

didias importantes, muita intriga desfeita, muita opposição, os turcos aproveitando os successos dos francezes em Lutzen, e julgando bem que os russos e austriacos não poderiam então proteger os servios, atacaram-nos, derrotaram Weliko, Mladen e Sima, tres dos principaes chefes, e Kara-Jorge, reunindo á pressa os seus haveres, abandonou a Servia, ou porque julgasse impossivel vencer os turcos, ou por não poder congrassar as vaidades dos hospodares e weyvodes que o encommodavam.

N'estas circumstancias, um unico homem, o weyvode Milosch Obrenowitsch, levantando os districtos do sul, quiz suster a queda da Servia. Abandonado dos seus teve que aceitar as propostas dos turcos. A tyrannia dos spahis voltados á Servia, vingou-se dos habitantes com bastante dureza.

A insurreição estava latente. Milosch reprimia a indignação nacional, por lhe parecer ainda prematuro o levantamento. A deslealdade porém do kiaiá de Soliman-pachá fel-a explodir. Milosch tinha obtido amnistia para os insurrectos de Iagodina; os turcos chamaram os chefes a Belgrado, e, longe de cumprirem a sua palavra, fizeram fuzilar 150 e empalaram 36. Milosch, testemunha de tamanha infamia, sentiu revoltar-se-lhe o sangue, apesar da sua prudencia. Os turcos percebendo a sua raiva, e temendo a vingança, prenderam-no, mas elle tendo-se escapado immediatamente, sabiu da praça, refugiou-se nas montanhas de Ruduik, e chamando os seus partidarios ás armas, em breve a insurreição como um fogo devorador se alastrou pela Servia.

Aproveitando a festa do domingo de Ramos, 1815, Milosch entra na igreja de Takowo, fala ao povo com a sua eloquencia, simples, natural e energica e todos o aclamam. As hostilidades começam e Milosch á frente de alguns cavalleiros e de mil montanhezes, apodera-se de um posto que os ispahis guardavam, tomando-lhe dois canhões. Ao ruido d'este combate os emigrados voltam ao paiz, os fugitivos deixam as florestas, os montanhezes correm a agrupar-se em torno de Milosch. O kiaiá do pachá avança com dez mil homens até á planicie da Morawa, é morto no combate e as suas tropas fogem para Sienitze, onde ha nova batalha e nova derrota. Todo o despojo, mulheres do kiaiá & cahem em poder de Milosch. Ali-pachá sahe de Belgrado com o resto das tropas é derrotado e retira-se para Kiupra, protegido por uma escolta que lhe concede o vencedor. Adem-pachá capitula e encerra-se em Novi-bazar. O pachá da Bosnia envia um dos seus tenentes, que é feito prisioneiro, e enviado cheio de presentes ao pachá. A generosidade e lealdade de Milosch iam sendo victimas da falta de lealdade do pachá Curchid, com quem fora conferenciado e não se interpôr Ali, que havia pouco, sóra por elle generosamente enviado solto. Depois de varias peripecias estabeleceu-se um governo de que Milosch era o chefe nacional e o pachá de Belgrado o representante do sultão. A administração ficava dividida; os turcos tinham as praças fortes, os servios um senado que discutia junto do pachá.

escripto, com testemunhas de que lh'as dava de sua livre vontade.

A mulher do merceiro, ao ouvir tal, voltou-se para o marido e disse:

— Gluchia que é canna doce.

Bem chuchados ficaram elles todos.

— Por esta é que eu não esperava, por esta é que eu não esperava, repetta ainda.

— Tenha paciencia, sr. Antonio Dourado, do sr. conego já eu sabia o que tinha a esperar, e bem parva havia de ser eu, para estar dando corda a estranhos para me enforcarem.

Antonio Dourado, limpando as camarinhas de suor, balbuciava:

— Não tem duvida, não tem duvida!

E sem já querer examinar mais nada poz a creada, o primo e o bahu no olho da rua com esta phrase de recommendação:

— Deixem estar que eu os ensinarei.

Mas a mulher voltou-lhe com agastamento despresador:

— Agora vae lá pegar-lhe com um trapo quente, sempre me saistes um grande pedaço d'asno!

— Pois verás se eu ensino ou não esta ladra?

— Deixa-te de tolices, queres mais demandas, não te basta essa demanda chronica que te deixou a velha e tanto dinheiro te custou já?

— Mas que heide fazer em presença de uma

Em breve rebenta a guerra da independencia da Grecia e da Albania; Milosch aproveitando-se d'esta circumstancia e auxiliado por seus partidarios, restabelece a constituição de Kara-Jorge. Organisa os tribunaes, a administração civil e politica.

(Continua)

J. B.

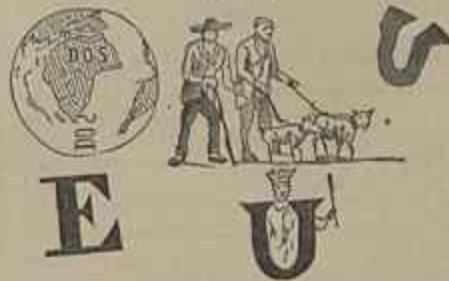
PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA UNIVERSAL. *Esboço de Sociologia Descritiva*, por Theophilo Braga, publicada pela Nova Livraria Internacional, 1882. Este volume que faz parte da Bibliotheca Historico-Scientifica, contem: *As civilizações cosmopolitas propagadoras das civilizações isoladas; Hegmonia das raças semíticas, Phenicios, Hebreus, Arabes*. Este volume é mais uma affirmação do notavel professor, que trabalha incessantemente pela sciencia, e hoje que os estudos historicos estão preocupando grandemente todos os sabios do mundo, para o restabelecimento da verdade da historia, são bem vindos todos os trabalhos que possam fazer luz e determinar, com o auxilio da sciencia, o que ha de lendario e romanesco nas diferentes epochas da humanidade.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS. — Lisboa David Corazzí, editor, *Emprezas Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro, 40, rua da Atalaya, 52—1882*. Estão publicados os fasciculos 30, 31 e 32 do segundo anno e quarta serie que se intitulam: *O Marquez de Pombal, biographia com retrato e fac-símile; — Geologia, illustrada com 40 gravuras e adequada ao ensino dos que frequentam no curso geral dos Lyceus as aulas de Introdução a historia natural dos tres reinos; e o Código civil portuguez compendiado*. O primeiro d'estes voluminhos é uma homenagem ao grande Marquez, por occasião da celebração do seu centenário, pertence á collecção já volumosa, dos productos relativos a esse notavel factio, e tende a espalhar por todos o conhecimento verdadeiro da vida do grande ministro (como hoje ainda a possuímos) afim de que se conheça a justiça d'a-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Divide e reinará.

patifaria, de um logro d'estes? Heide crisar os braços, heide ficar com cara de tolo?

— Sabes que mais, vae mettendo a viola no saeo, e não dês muito com a lingua nos dentes se não queres ainda em cima que se riam de ti.

Antonio Dourado encolheu os hombros de uma maneira inconsolavel.

— Birem-se de mim era o menos, o peor foi a sangria que eu levei na bolsa!

— Ora, vão-se os annos, mas fiquem os dedos.

— Á chuchar no dedo ficámos nós, mulher!

Mais nada!

Que mais haviam elles de dizer em taes casos!

Oito dias depois veiu o cangalheiro perguntar-lhe ainda com os beigos doces da gorgeta, se elle não queria mandar dizer uma missa por alma da piedosa D. Monica?

O homem estava a almoçar e até se eugagou ao ouvir tal proposta.

— O' homem ponha-se lá na rua, e não volte cá mais a fallar-me de semelhante mulher.

— Porque?

— Porque já a encomendei ao diabo, deixe-me.

(Continua).

LEITE BASTOS.

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 125)

Pela mente de Antonio Dourado passou uma d'essas visagens tenebrosas, que nos deixam a alma em perpetua escuridão.

O porta-machado, que afinal era um pobre homem, de temperamento fleumatico, um pobre diabo que até cozia as meias e pregava os botões na fardeta, tendo só de ameaçador e de terrível o aspecto marcial e agnolla corpulencia de espantalho de figueira, escravo da disciplina e victima da ordenança, que lhe mandava trazer na cara aquelle colchão de crinas emaranhadas — o pobre homem, emfim, ponde claramente explicar-se o vender á vontade o seu peixe.

Desabotoou a fardeta e sacou do peitilho d'ella o papel sellado a que alludira.

De horror ao merceiro até se lhe arripiaram as carnes.

Oh! Dens do céu! pois seria crível que lhe estivesse reservada aquella surpresa, da existencia de um terceiro testamento?!

Não!

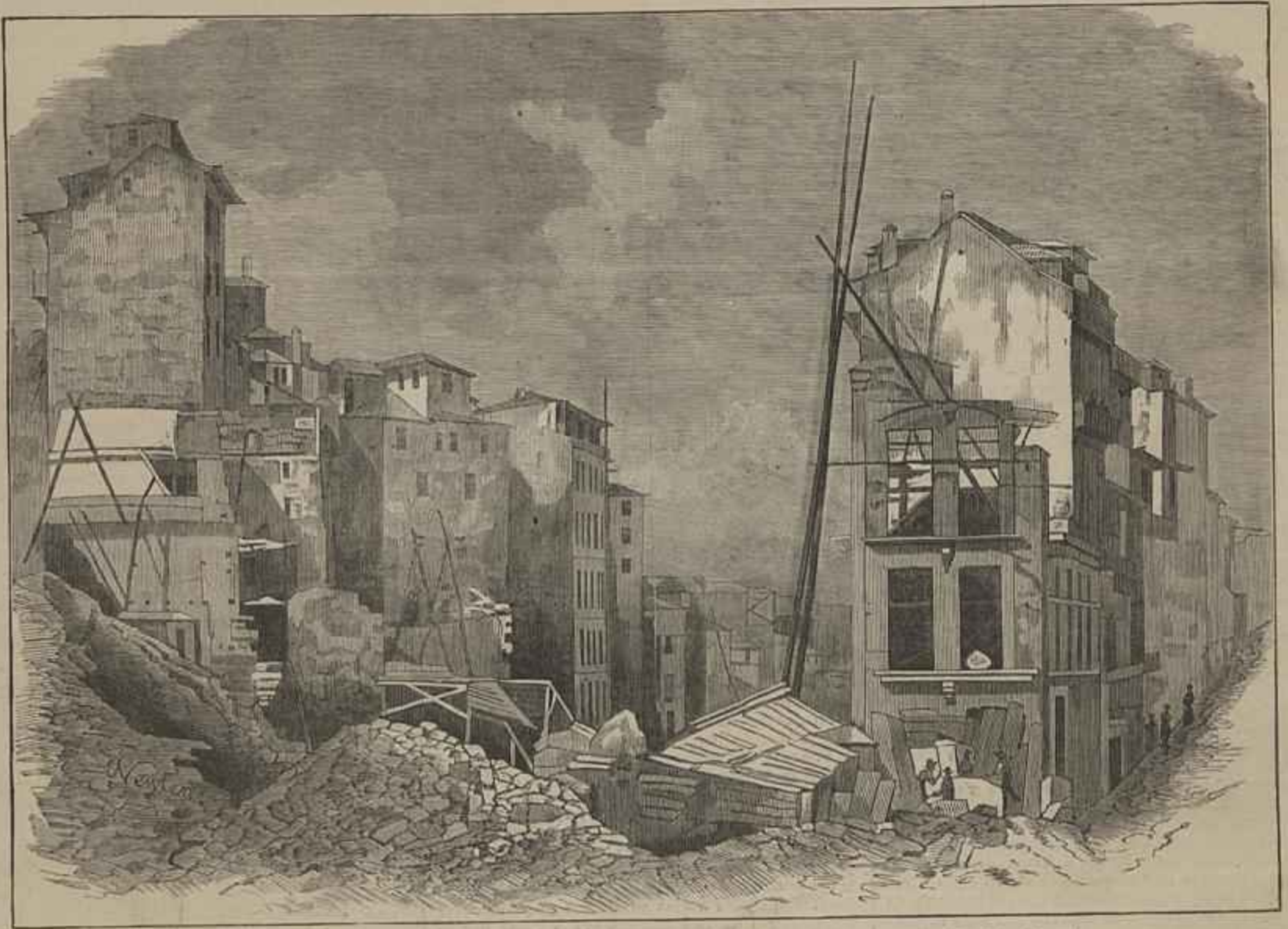
Mas o caso vinha a dar na mesma.

D. Monica, oito dias antes de morrer, fez entrega das suas inscripções á creada, com o averbamento em branco e declaração legal por

quella celebração; o segundo trata de um dos mais necessários conhecimentos, a constituição do globo que habitamos, a terra, de que o nosso periódico deu uma rápida noção no n.º 73 do 4.º volume; o terceiro pondo o código civil, isto é a lei que prescreve as obrigações e deveres dos cidadãos uns para com os outros e para com o geral da sociedade, nas suas variadíssimas relações familiares, publicas etc. ao alcance de

1.ª parte — Publicação mandada fazer a expensas da Camara Municipal de Lisboa, para commemorar o centenario do Marquez de Pombal em 8 de maio de 1882 — Lisboa, typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, impressor da Casa Real, rua dos Calafates, 110, 1882. Quando o centenario do Marquez de Pombal não produziu outro beneficio, alem da publicação d'esta importante obra, era por isso um grande acon-

subsídios aos que o consultam, e lamentavamos que por tanto tempo fosse procrastinada a sua publicação. Finalmente os estudiosos vão possuir um indice intelligentemente feito de todos os mais preciosos documentos que encerra o importantissimo archivo municipal de Lisboa, o que desejamos é a maior rapidez na sua publicação. Ha-de haver muitas lacunas no archivo, e nós aconselhamos a Camara a mandar o seu intel-



PORTO. — ASPECTO DAS OBRAS NA NOVA RUA MOUZINHO DA SILVEIRA (Desenho do natural de Isaias Newton)

todos, necessariamente deve contribuir para o desenvolvimento da moralidade e civilização popular. Mais feliz n'esta empreza, pela sua boa direcção, do que na dos *Dictionarios populares*, cujos primeiros fasciculos veem crivados de erros e disparates, o publico deve corresponder aos esforços do ousado e illustrado editor.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira, archivistista da Camara Municipal da mesma cidade —

tecimento. Pouco se sabe em geral da constituição, vida e movimento do principal municipio do paiz, como se sabe, em geral, pouco das nossas coisas, porque, ao passo que nas outras nações ha publicadas colleções enormes de documentos, que todos os dias se vão completando, no nosso a primeira está ainda e estará provavelmente interrompida, se não incompleta para sempre.

Conheciamos de ha muito o importante trabalho do sr. Freire de Oliveira, que d'elle faculta

ligente archivista fazer um exame e pesquisa na Torre do Tombo, onde nos parece que haverá elementos, que faltarão no seu archivo, e que serão convenientes para aperfeiçoar e locupletar este valioso trabalho.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO LOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO — Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de cor illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou valles do correio.

EXPEDIENTE

do

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmas, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1883.

Recebem-se tambem annuncios mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882, até ao dia 15 de julho do corrente anno.